

## O PAPEL DAS MÍDIAS NA IGREJA: O SENTIDO DA REFLEXÃO

GLEYDS SILVA DOMINGUES<sup>1</sup>

### RESUMO

As mídias exercem forte papel de influência sobre os sujeitos aprendentes, principalmente pelo jogo de luz, cor e som que ativam as habilidades de memória, atenção e retenção de dados e informações transmitidas. Essa constatação aponta para as possibilidades de inovação que podem favorecer a construção de sentidos, em relação à mensagem a ser proferida. Busca-se, então, analisar o papel das mídias na Igreja como uma prática de reflexão, capaz de promover e incentivar a criticidade e o diálogo entre o texto e a realidade. Isso porque, a intenção não se firma na repetição de informações, mas na interpretação capaz de possibilitar a releitura aplicável à vida. Afinal, é no ato de significação que o ensino e a aprendizagem devem ocupar espaço e lugar. A prática reflexiva requer a abertura para o pensar crítico, que ao tecer conexões permite ir ao encontro de possibilidades que tentam dar respostas às questões essenciais que permeiam as relações dos sujeitos consigo mesmos e com os outros. Essa forma de ação não se esgota, antes, se torna o caminho da liberdade e da transformação tão difundidas pelas perspectivas de natureza cristã.

**Palavras-Chave:** mídia; reflexão; significação; linguagem

### ABSTRACT

The media perform a central role in influencing the learners subjects, mainly through the play of light, color and sound that activate skills memory, attention and retention of data and information provided. This finding points out the possibilities for innovation that can favour the construction of meanings in relation to the message to be delivered. The aim is to analyze, then, the role of media in the church as a practice of reflection able to promote and encourage the criticism and dialogue between text and reality. This is because the intention doesn't lean on the repetition of information but on the interpretation that is able to make possible the reading applicable to life. After all, it's in the act of signification that teaching and learning should occupy space and place. The reflective practice requires the opening to critical thinking that, on making connections, allow to meet the opportunities that try to give answers to the essential issues that permeate the relations of individuals with themselves and others. This form of action does not end, but, it becomes the path of freedom and transformation so spread by the perspective of Christian nature.

**Keywords:** media; reflection; meaning; language

### INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia impactou a forma e os meios de comunicação utilizados na realidade, isso porque possibilitou o acesso a informações e aos dados,

---

<sup>1</sup> Gleyds Silva Domingues, Mestre em Educação, Doutoranda em Teologia pela EST, Bolsista da CAPES, Professora do Ensino Superior – gsdomingues@ig.com.br

até então disponibilizados, para uma minoria que detinha em suas mãos tal conhecimento.

Com a democratização da informação e da comunicação, as mídias tornaram-se ferramentas de uso comum para criar, difundir e propagar ideias, posicionamentos e comportamentos situados em diferentes classes sociais.

Essa “democratização”, também, provocou um acelerado crescimento de informações e distorções do ato do conhecer, o que resultou no uso indiscriminado das ferramentas midiáticas desprovidas da reflexão e apoiadas no senso comum.

Não se quer defender, aqui, o controle das mídias por um determinado grupo de poder, antes, a tentativa é apontar que enquanto mecanismo de comunicação, o seu uso deve ser acompanhado da crítica, que provoca a reflexão sobre as informações recebidas.

A perspectiva buscada é a da formação humana voltada para a cidadania e para a transformação social, alvo de políticas e práticas de educação, pautadas na liberdade consciente de pensamento e expressão, que implicam no direito de voz, vez e voto.

Sabe-se, contudo, que a mídia exerce forte influência nas percepções assumidas pelos indivíduos sobre a realidade social, o que se torna um ponto de análise, cuidado e atenção, pois os significados produzidos podem não ser de fato aqueles que correspondem à formação humana pretendida.

Essa atenção e cuidado devem ser ampliados no espaço da Igreja, enquanto lócus de formação, isso porque os sentidos construídos influenciam, sobremaneira, na visão de mundo acreditada e creditada, sendo esta determinante para as relações a serem estabelecidas consigo mesmo, com o outro e a realidade circundante.

O espaço da Igreja deve, então, propiciar a reflexão sobre a realidade, e não apenas reproduzi-la de forma mecanizada e estanque, a partir de posturas moralísticas alicerçadas em conceitos humanos e excludentes de certo e errado. A base da formação humana deve centrar-se em princípios cristãos que significam a vida em sua plenitude.

O ato reflexivo favorece a “descamação” do olhar, à medida que trabalha no âmbito do entendimento e da compreensão sobre a prática dos princípios cristãos, que pautam o sentido de ser e estar no mundo, providos de uma missão específica.

Sabe-se, porém, que a inserção da Igreja na realidade, também está situada no campo da linguagem e, nela, sua expressão e sentido são ampliados, reduzidos ou sublimados, enquanto prática discursiva.

Busca-se, então, analisar o papel das mídias na Igreja como uma prática de reflexão, capaz de promover e incentivar a criticidade e o diálogo entre o texto e a realidade, como ponto de partida necessário ao processo de significação construído.

Para tal intento, parte-se da seguinte problemática: como as mídias podem ser usadas na Igreja como ferramentas de reflexão, que possibilitem a formação de sujeitos críticos, frente às leituras e aos significados construídos sobre a vida marcada por desafios da sociedade contemporânea?

Espera-se com este ensaio contribuir com as práticas discursivas mediadas pelas mídias no contexto da Igreja, à medida que construam uma linguagem significativa capaz de provocar a reflexão e a formação integral de sujeitos comprometidos com a transformação da vida e da realidade social.

## E POR FALAR EM LINGUAGEM

A linguagem<sup>2</sup> enquanto produção humana expressa significados que são inseridos nas relações sociais. Esses significados fazem parte da vida e da forma como os sujeitos interpretam o sentido da sua existência.

Há que considerar que a linguagem reflete uma perspectiva associada à visão de mundo, a qual se manifesta nos atos comunicativos, quer sejam imagéticos, escritos e orais.

A linguagem é portadora de códigos e de digitais, que quando são codificados e decodificados fazem parte de uma cultura, em que os mesmos signos foram construídos e assimilados. A cultura torna-se difusora de linguagens.

Entende-se por linguagem um sistema complexo e multifacetário de signos a serem utilizados no processo de comunicação, por isso não se restringem à relação mantida entre emissor e receptor de forma linear, passiva, mecânica e hierarquizada.

Busca-se conhecer, interpretar e compreender os signos em relação direta com a vida, a qual se apresenta nas diferentes possibilidades de sentido e significado.

Ao se fazer uso da linguagem, ou seja, do processo comunicativo tem-se uma finalidade e intencionalidade definidas, porém essa mensagem decodificada

---

<sup>2</sup> Mercer apresenta a linguagem como um meio vital da existência do ser humano, por seu intermédio ocorre a representação do que se pensa, acredita e vive. Constitui-se, ainda, como ferramenta cultural, na qual se compartilha experiências, saberes e conhecimentos. Além de ser o canal pela qual as novas gerações significam e ressignificam as experiências dos seus antepassados. (MERCER, N. As perspectivas socioculturais e o estudo do discurso. In: COLL, C; EDWARDS, D. *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 14-15)

pode assumir várias interpretações por aqueles que estão envolvidos neste jogo simbólico.

Fiorin<sup>3</sup> ao comentar sobre a linguagem revela que:

[...] o fascínio que a linguagem sempre exerceu sobre homem vem do poder que permite não só nomear, criar, transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa e nem pode existir.

Esta possibilidade aberta pela linguagem permite inferir que homens e mulheres são seres comunicativos e abertos para experimentar a vida em relação, o que torna a linguagem uma ferramenta essencial à prática e à produção social.

A prática e a produção social podem estar associadas tanto à manutenção quanto à transformação da ordem social estabelecida, e que é assumida nos discursos proferidos e legitimados na sociedade e mediados pela cultura.

Entende-se discurso como “uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”.<sup>4</sup>

A cultura enquanto prática discursiva impõe modos de ser que traduzem os sentidos contidos numa visão de mundo. Essa visão torna-se a marca da cultura e, também, das relações sociais.

Este entendimento conduz a inferir que não há como descartar da linguagem suas representações simbólicas, visto que, seu funcionamento implica em posicionamento de cunho ideológico, o que lhe confere movimento, dinamicidade e poder, diante da vida historicamente significada.

A linguagem torna-se, então, veículo de sentidos sobre a vida, ou seja, quando se fala, ou vê ou escuta, o que se faz é acionar os sentidos construídos pela linguagem sobre aspectos da realidade física ou imaterial, em que se acredita e acredita como reais e verdadeiros.

O espectro da linguagem se amplia em diferentes matizes, à medida que entram em cena novos sentidos e significados dados às mensagens, porém isso não é determinante para sua mudança, mas para o processo denominado de hibridização. A mudança, entretanto, é um ato cultural e histórico que envolve a convivência ou não, pela presença da polissemia de sentidos encontrados.

“Isso se explica pelo fato de que a cultura humana existe num *continuun*, ela é cumulativa, não no sentido linear, mas no sentido de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação”.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*: São Paulo: Contexto, 2011, p. 11.

<sup>4</sup> FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008, p. 91. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

*Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.439-447

Na cultura surgem as condições de produção discursivas, nas quais “não é o sujeito que se apropria, mas há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletida a ilusão do sujeito, isto é, sua interpelação feita pela ideologia”.<sup>6</sup>

Essa constatação possibilita entender o alcance da cultura frente à formação humana, visto que como produção histórica e social, tanto pode ser usada como instrumento de massificação, como de emancipação dos sujeitos.

Ao estender o conceito de cultura para a prática midiática, podem-se perceber influências decisivas no ser, no agir e no fazer de homens e mulheres, visto que seu alcance, difusão e viabilidade são tão mais abrangentes e complexos, como o próprio sentido dado à cultura.

“É a cultura como um todo que a cultura de mídias tende a colocar em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis setores, tempos e espaços”.<sup>7</sup>

A cultura midiática se estabelece como prática comunicativa portadora de uma mensagem a ser decodificada e significada socialmente. Essa mensagem é intencional e, portanto, carregada de força ideológica.

Evidencia-se, assim, o papel representado pela cultura midiática, enquanto ferramenta de linguagem ideológica, sendo ela capaz de favorecer ou não a reflexão sobre a realidade em suas dimensões física e imaterial.

## MÍDIAS E O ATO REFLEXIVO

Na sociedade contemporânea, o termo mídia precisa ser ressignificado, visto que sua acepção inicial estava imbricada na ideia de uma cultura de massas em contraposição à cultura erudita. Hoje, estes espaços são tão tênues que se torna difícil polarizar entre estas duas dimensões.

É certo que o termo “mídia” ou “mídias” refere-se a todo meio de comunicação disponibilizado para veicular uma mensagem ou informação. Essa, porém faz parte de uma conexão, em que o interlocutor interage de uma maneira mais direta e interativa com ela.

Nasce, aqui, o sentido de rede interligada, no qual o sistema de informação e comunicação é tecido. Esse sentido implica em perceber o sistema como fios inter-comunicantes, que se complementam na composição de tramas bem definidas e complexas.

---

<sup>5</sup> SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 57.

<sup>6</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 110.

<sup>7</sup> SANTAELLA, 2003, p. 53.

Isso porque, “as redes fazem do tempo e do espaço uma concertação dinâmica, uma troca contínua de significações, um diálogo entre as diferentes estâncias da criação”.<sup>8</sup>

As redes provocam a criação de novos arranjos de sentido sobre a realidade, por isso são tão utilizadas pela sociedade como ferramentas de informação e comunicação. Elas fazem parte integrante da cultura midiática, à medida que viabilizam e possibilitam de maneira eficiente o acesso às diferentes mídias.

“Enfim, as mídias tendem a se engendrar como redes que se interligam e nas quais cada mídia particular – livro, jornal, TV, rádio, revista, etc.- tem uma função que lhe é específica”.<sup>9</sup>

A palavra mídia, também, pode significar um ato de mediação, à medida que faz uso de um instrumento para conduzir uma mensagem. Essa mensagem contém códigos que são decifrados e significados por meio de uma linguagem específica.

A pergunta que se coloca, então, é como a mídia ou mídias podem ser um instrumento de reflexão. Isso demanda assumir outras perguntas, visto que se faz necessário entender o seu movimento na realidade social, levantando outras inquietantes questões: para quem foi pensada? Por que foi pensada? Qual o seu propósito? O que se busca difundir? Reforço ou mudança?

Não se objetiva dar respostas pontuais a estas perguntas, mas sinalizar a presença da cultura midiática na realidade, na tentativa de evidenciar que seu papel não é neutro e nem mesmo ingênuo e desinteressado. Ter consciência disso já se torna o primeiro passo em direção à reflexão.

“A reflexão só é legítima quando nos remete sempre [...] ao concreto, cujos fatos busca esclarecer, tornando assim possível nossa ação mais eficiente sobre eles”.<sup>10</sup>

Tem-se a consciência que “a dinâmica da cultura midiática se revela assim como uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura”.<sup>11</sup>

A dinâmica promovida pela cultura midiática abre um espaço de interlocução a ser aproveitado pela Igreja, uma vez que oferece um panorama diversificado com relação à existência de diferentes visões de mundo.

---

<sup>8</sup> PRADO, Gilberto. Dispositivos interativos: imagens em redes telemáticas. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no Século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 297.

<sup>9</sup> SANTAELLA, 2003, p. 53.

<sup>10</sup> FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 135.

<sup>11</sup> SANTAELLA, 2003, p. 59.

Ao confrontar as visões de mundo, a Igreja precisa assumir a atitude de educadora e não de julgadora. É preciso, ainda, compreender os sentidos que são atribuídos pelas diferentes visões de mundo. É procurar estabelecer pontos de comunicação e não de condenação.

A igreja, também, precisa conhecer a realidade onde está inserida, deve sair da redoma e procurar a sua aproximação. Para isso deve contextualizar seu discurso e ir ao encontro da necessidade existencial e real de homens e mulheres.

Este ato implica conhecimento, que sugere ir além da informação, visto que “conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade”.<sup>12</sup>

A chave de ação da Igreja se chama conhecimento, o que lhe confere um status político e histórico, pois sua função não se define, apenas e só, pela doutrinação, mas pela reflexão sobre a vida, no sentido de lutar pela transformação.

“Somente pode chamar-se autêntico o conhecimento que em si mesmo e por si mesmo seja produtivo e transformador, o que requer do preceptor que ele o transforme em conhecimento seu e reestruture à sua maneira tal informação”.<sup>13</sup>

O ato de conhecer requer busca contínua, que surge do desejo de desvelar a realidade, quer em seus momentos de contradição, conflito e mudança. Afinal, a realidade é histórica e como tal se significa nas relações e nas interações sociais.

Afinal, “o conhecimento ganha sentido num contexto de vida, num contexto de necessidade real e, em circunstâncias concretas, convoca o indivíduo a agir, a empregar sua memória, a experimentar, a arriscar, a improvisar”.<sup>14</sup>

O encontro da Igreja com o conhecimento permite, ainda, aproximar as linguagens, discutir sobre a diversidade e gerar ou produzir novas significações. O que provoca numa ação de releitura quanto as suas práticas como na reestruturação de sua missão na sociedade.

A Igreja contemporânea precisa caminhar junto com o desenvolvimento do pensamento, isso não quer dizer apropriar-se de ideias contrárias aos seus princípios, mas implica numa postura de manter-se atenta quanto aos enfrentamentos ideológicos, que são inevitáveis.

---

<sup>12</sup> PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 39.

<sup>13</sup> GUTIÉRREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1979, p. 110.

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 120.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

*Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.439-447

Falar a linguagem da época não torna a Igreja mais profana ou menos sagrada. Falar a linguagem da época resulta no desejo de interação e reciprocidade, voltados à formação humana.

A cultura midiática na Igreja pode, sim, provocar o encontro de mentalidades. Pode, sim, formar para a reflexão. Pode, sim, tecer relações com a vida, tudo isso dependerá da sua condução e função educadora a ela destinada

## **(IN) CONCLUSÕES**

Ao analisar sobre o papel das mídias da Igreja percebe-se que muito deve ser feito para que a prática reflexiva encontre seu espaço nas ações voltadas à formação humana.

Percebe-se, ainda, que nesta tentativa de efetivação de uma prática reflexiva está em jogo o processo de produção de sentidos, os quais se evidenciam pela multiplicidade de visões de mundo, que significam a realidade a partir das lentes construídas historicamente.

Não se podem fechar os olhos diante da diversidade de significados e sentidos produzidos no contexto social, antes a tentativa da Igreja é a do enfrentamento, da releitura de suas práticas e da contextualização de sua mensagem.

Ao se fazer uso da cultura midiática como ferramenta reflexiva, a Igreja aproxima os discursos, e promove a formação de homens e mulheres que levantam a bandeira da transformação.

Sabe-se, porém, que a cultura midiática encontra-se no campo do simbólico, que tanto pode fascinar encantar e contagiar, como provocar a indignação. Isso requer dos sujeitos posicionamentos reflexivos e críticos quanto à proposta apresentada.

A incorporação da cultura midiática na Igreja requer criticidade, objetividade e, acima de tudo, compromisso com os princípios cristãos, o que envolve responsabilidade quanto à utilização e aplicação das ferramentas em suas práticas de natureza eclesial, social e educacional.

Ao trabalhar com o conhecimento, a Igreja não apenas informa uma realidade sob um único prisma, mas apresenta as diferentes interpretações que são dadas ao sentido da vida. Isso lhe confere a responsabilidade de exercer a sua voz profética.

A coerência e a produção de significados tornam-se, então, um dos grandes desafios da Igreja contemporânea. Estar atento a isso já se mostra como uma possibilidade de adequação e compreensão de sua função na realidade social.

Refletir é mais que pensar sobre, envolve ação e compromisso real e significativo com a mudança. E assim deve caminhar a Igreja.

## REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística: objetivos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1979.

MERCER, N. As perspectivas socioculturais e o estudo do discurso em sala de aula. In: COLL, C; EDWARDS, D. *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes, 1987.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO, Gilberto. *Dispositivos Interativos: imagens em redes temáticas*. In: *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.